



Cetec
Capacitações

CP **50** anos
1969 - 2019
Centro
Paula Souza

SÃO
PAULO
GOVERNO DO ESTADO

Clube de Memórias XXXIV

Um olhar sobre o espaço escolar e a sua materialidade

Júlia Naomi Kanazawa

www.memorias.cpscetec.com.br

Introdução

O Clube de Memórias XXXIV “Um olhar sobre o espaço escolar e a sua materialidade” ocorreu na modalidade à distância devido à pandemia do COVID 19 e da decretação do isolamento. Envolveu professores e bibliotecários, que atuam ou tem interesse na realização de projetos para a preservação, a sensibilização e a valorização do patrimônio cultural, promovendo ações educativas com estudantes para a difusão da história da educação profissional e tecnológica, da história institucional, da história dos currículos e das disciplinas, e dos materiais de uso didático, em diferentes épocas.

Plano de Metas 2020

Objetivo: 1 – Desenvolvimento profissional

Grupo de projeto: 2 – Formação continuada de professores e auxiliares docentes nas unidades de ensino do Centro Paula Souza com recursos estaduais do orçamento da instituição

Meta: 1 – Realizar formação técnico-pedagógica de 40% dos docentes das unidades de ensino do Centro Paula Souza, nos eixos tecnológicos ofertados e nos componentes da Base Comum Curricular, o que configura cerca de 6000 vagas, em cursos com cargas horárias entre 20 e 80 horas.

Projeto Cetec -1.1.01.136.22: Cultura material da educação paulista

Objetivo do Clube de Memórias XXXIV Projeto Cetec -1.1.01.136.22

O objetivo do Clube de Memórias Um olhar sobre o espaço escolar e a sua materialidade é dar continuidade a realização de Clubes de Memórias para a formação de professores que realizam estudos e pesquisas sobre a história da educação profissional e tecnológica, contribuindo com a organização de acervos arquivísticos, bibliográficos e museológicos existentes nas escolas técnicas e nas faculdades de tecnologia, definindo esses espaços e sua tipologia documental e divulgando os Centros de Memória no Centro Paula Souza, a fim de sensibilizar a comunidade escolar para a valorização, conservação e preservação do patrimônio histórico educativo e do patrimônio cultural da ciência, da técnica e da tecnologia na instituição.

Objetivo específico do Clube de Memórias XXXIV
Projeto Cetec -1.1.01.136.22

Fornecer subsídios relacionados ao tema da cultura material escolar, a partir das pesquisas empreendidas na história da educação; dar continuidade às orientações relativas às atividades organizacionais do acervo escolar e aos procedimentos metodológicos; e sensibilizar a comunidade escolar para a importância da conservação e preservação do patrimônio cultural e material educativo.

O espaço/lugar escolar

(...) a instituição escolar ocupa um espaço que se torna, por isso, lugar. Um lugar específico, com características determinadas, aonde se vai, onde se permanece umas certas horas de certos dias, e de onde se vem. Ao mesmo tempo, essa ocupação de espaço e sua conversão em lugar escolar leva consigo sua vivência como território por aqueles que com ele se relacionam. Desse modo é que surge, a partir de uma noção objetiva – a de espaço – lugar – uma noção subjetiva, uma vivência individual ou grupal, a de espaço – território. (VIÑAO, 2005, p. 17)

O espaço/lugar escolar ao qual me refiro é a escola, instituição historicamente construída para atender às necessidades de uma determinada sociedade e cultura. Este espaço é organizado materialmente, humanizado, subjetivo e complexo, devido as relações que nele coexistem, tais como saberes, currículos, procedimentos didáticos, dentre outros aspectos. Olhar atentamente para este espaço e para as suas edificações, as salas de aulas, a biblioteca, o pátio, a quadra de esportes, as áreas de cultivo, a arquitetura, os mobiliários, os materiais didáticos, os corredores, as paredes, os banheiros, etc., relevantes para o funcionamento de um estabelecimento de ensino, é perceber, como educadores, que essa materialidade se constitui em patrimônio histórico cultural, como testemunho que dá visibilidade ao passado, identifica a escola, seus valores e sua cultura escolar, e faz parte da memória institucional, individual e coletiva dos sujeitos que nela vivenciaram.

História da cultura material escolar: um balanço inicial

Este tópico será abordado a partir das ideias do estudo História da cultura material escolar: um balanço inicial que Rosa Fátima de Souza publicou no livro Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos, organizado por Marcus Levy Bencostta e publicado pela Cortez Editora, 2007.

Souza afirma que “a expressão cultura material escolar passou a ser utilizada na área da História da Educação Brasileira nos últimos anos, influenciada pelo estudos em cultura escolar, pela renovação na área provocada pela Nova História Cultural e pela preocupação crescente dos historiadores em relação à preservação de fontes de pesquisa e de memória educacional em arquivos escolares, museus e centros de documentação. Ao recortar o universo da cultura material especificando um domínio especificando um domínio próprio, isto é, o dos artefatos e contextos materiais relacionados à educação escolarizada, a expressão não apenas amplia o seu significado reinserindo as edificações, o mobiliário, os materiais didáticos, os recursos audiovisuais, e até mesmo as chamadas novas tecnologias do ensino, como também remete à intrínseca relação que os objetos pessoais guardam com a produção de sentidos e com a problemática da produção e reprodução social”. (SOUZA, 2007, p. 169-170).

História da cultura material escolar: um balanço inicial

“O estudo em história das instituições educativas produzidos na última década dando ênfase à cultura escolar voltaram-se para a análise dos aspectos internos da escola – o espaço e a arquitetura, o currículo e as práticas escolares tornando visível a constituição material das escolas. [...]”. (SOUZA, 2007, p. 171).

“Trabalhos que puseram em evidência a centralidade das edificações e a distribuição dos espaços, a importância dos materiais para a concretização do ensino, a constituição material das escolas como crença e representação de modernização educacional, os manuais didáticos, livros de literatura infantojuvenil, cartilhas, bibliotecas, dentre outros materiais, tanto como fontes ou objetos de pesquisa, trazem abundantes vestígios da cultura material escolar e indicações férteis para possíveis investigações a serem empreendidas.” (SOUZA, 2007, p. 171).

História da cultura material escolar: um balanço inicial

Embora a autora chame a atenção para algumas questões como “a imprecisão conceitual do termo cultura material escolar, a problematização do universo material, a questão da tecnologia e a utilização dos artefatos materiais como documentos, o estudo histórico dos materiais escolares pode ser um instrumento valioso para se decifrar a cultura escolar [...]” (SOUZA, 2007, p.176-179).

“São inúmeras as possibilidades de se acercar da cultura material escolar como objeto de investigação. No que diz respeito à diversidade de elementos que correspondem aos artefatos de uso escolar, a abrangência é enorme, [...]. Em relação aos aspectos que podem ser analisados destacam-se: a materialidade propriamente dita (constituição/caracterização), funções e usos, tecnologia e comercialização, aparecimento, transformação e desaparecimento, saberes pedagógicos constituídos, as políticas educacionais voltadas para a introdução de novos materiais, tecnologias de ensino e suprimento material para as escolas, as representações dos profissionais da educação em relação a importância e uso dos materiais escolares, a relação entre materiais escolares, currículo (disciplinas) e métodos de ensino, a interdependência existente entre diversas tecnologias gerais e aquelas de uso escolar, invariantes tecnomateriais e modelos didáticos historicamente constituídos.” (SOUZA, 2007, p. 180-181)

História da cultura material escolar: um balanço inicial

A autora também destaca que “um amplo inventário da cultura material em uso nas escolas ao longo do tempo seria valioso e deveria abranger toda a materialidade que circunscreve a atividade educativa – das edificações ao mobiliário, dos museus e laboratórios à quadras de esportes e aos materiais de educação física, dos materiais auxiliares de ensino aos objetos de uso dos alunos, das tecnologias de som e imagem aos objetos produzidos para o registro das informações escolares.” (SOUZA, 2007, p. 181)

No entanto, “de nada valerão os esforços de escrutinar a cultura material escolar se isso não se reverter em conhecimento ampliado, sistemático e aprofundado sobre o funcionamento da escola e as mudanças na educação ao longo do tempo.” (SOUZA, 2007, p. 182)

A riqueza da temática e das pesquisas empreendidas a partir da cultura material escolar, demonstrada por Souza, é um estímulo para que, os professores e bibliotecários responsáveis pelos centros de memórias e os interessados em memórias e história da educação profissional, realizem pesquisas e produzam conhecimentos, a fim de recuperar a história dos estabelecimentos e efetuem novas leituras do ambiente escolar.

PROGRAMAÇÃO

LEITURAS REMOTA

ATIVIDADE NÃO PRESENCIAL 1 (Carga horária – 4h)

Na ANP1 a solicitação foi que o participante procedesse a leitura e elaborasse um ficha de leitura do capítulo 2 da tese de doutorado *Evolução do espaço escolar no Brasil: referências ao planejamento urbano de Limeira-SP*, de Maria Eliza Vieira Elias.

EVOLUÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR NA FORMAÇÃO
SÓCIO-CULTURAL BRASILEIRA

In:

Evolução do espaço escolar no Brasil:
referências ao planejamento urbano de Limeira-SP
Maria Eliza Vieira Elias
UNESP/IGCE
Rio Claro
2006

Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/104455/elias_mev_dr_rcla.pdf?sequence=1

Acesso em: 04.02.2020

ANP 1 – Ficha de leitura

É interessante o exercício de reflexão histórica que nos mostra o trabalho de Maria Eliza Elias frente à relação entre o espaço escolar e a formação sociocultural brasileira, ao longo da História tendo como marcos as políticas públicas 1839-1930, depois 1931-1960, 1961-1996, e atualmente com a vigência da LDB 9394/1996.

No primeiro momento, na fase 1839-1930, o espaço escolar é marcado pela sua irregularidade, pois o Estado, se eximindo da responsabilidade do ensino público, paga o salário ao professor, cabendo-lhe, inclusive, a responsabilizar-se pelo espaço escolar, que muitas vezes se localizava na residência pessoal do docente. Somente com a República, a partir de 1889, o ensino básico fica cargo dos Estados (províncias) e tem um caráter muito particular em cada Estado. **(Diego Lopes de Campos - Etec Antonio Junqueira da Veiga, em Igarapava)**

ANP 1 – Ficha de leitura

De 1931 a 1960, a ampliação das oportunidades de acesso à escola pública, em especial ao ensino secundário ou ginasial, o processo de expansão da rede oficial nos municípios apresentou significativas diferenças em diferentes regiões dos estados. Diferentemente do ensino secundário, restrito às elites, o ensino profissional, destinado às classes socialmente menos favorecidas, tinha por exclusiva finalidade a de formar a mão-de-obra para suprir o recente processo de industrialização que começava a se expandir no país a partir da Era Vargas. Em várias cidades brasileiras a construção de edifícios escolares passou a ser um investimento que atendia aos mesmos princípios das reformas urbanas na perspectiva da concepção do espaço, dada a representação da escola possibilidade de cultura e acesso a melhores condições de vida. Nessa direção, a partir de 1960 a massificação do ensino público manifesta-se tanto na arquitetura escolar urbana que passou a padronizar os componentes e a definir o custo da construção quanto o número dos turnos das escolas, para absorver a demanda cada vez maior.

(Carlos Alberto Diniz - Etec Sylvio de Mattos Carvalho, em Matão)

ANP 1 – Ficha de leitura

A partir de 1960 massifica-se o ensino público: a arquitetura escolar torna-se padronizada. As escolas nas áreas centrais, (construídas na época em que só as elites tinham acesso à educação), eram providas de espaços adequados para leitura e para recreação. [...] à medida que as camadas populares conquistaram o direito à educação, desapareceram os laboratórios, a biblioteca.... A racionalização passou a justificar esse empobrecimento: ‘Crianças não precisam de biblioteca, mas de livros colocados à disposição na classe’.

Antes as escolas ocupavam os terrenos mais visíveis e altos, agora passaram a se instalar em sobras, obras que mantêm a taxa de lucro e os prazos políticos.

O espaço escolar não poderia ser outro: desinteressante, frio, padronizado e padronizador, na forma e na organização das salas, fechando as crianças para o mundo, policiando-as, disciplinando-as. Em nome da economia, as soluções eram mais comprometidas: a largura de passagens, de corredores, das escadas reforçava a vontade permanente dos adultos de colocarem as crianças em filas; as aberturas, pequenas impediam o acesso externo de estranhos que serviam também para impedir que as crianças se distraíssem com o mundo externo. **(Sueli Mara Oliani Oliveira Silva - Etec Professor Matheus Leite de Abreu, em Mirassol)**

ANP 1 – Ficha de leitura

Abordam-se aqui as questões ligadas à produção dos espaços no que se refere à escola pública brasileira, sua estrutura física e o seu lugar no território urbano.

O espaço escolar, (físico, material e humano), desde os seus primórdios não se concretiza de maneira uniforme na sociedade. O domínio do alfabeto, reservado a poucos, serviu como divisor de águas entre a cultura oficial e a vida popular. As construções dos estabelecimentos que se destinariam à aprendizagem, mostram-se desiguais. Essas desigualdades não se destacaram somente no aspecto predial, a aprendizagem letrada também acompanhou essa diferença. **(Ednéia Chinellato - Etec**

João Jorge Geraissate, em Penápolis)

ATIVIDADE NÃO PRESENCIAL 2 (Carga horária – 4h)

Na ANP 2 a solicitação é que o participante proceda a leitura e elabore uma resenha do artigo **Vestígios de uma cultura escolar: os espaços escolares da Escola de Engenharia Industrial (1954-1960)**, de Vanessa Barrozo Teixeira e Elomar Antonio Callegaro Tambara.

Vestígios de uma cultura escolar:

os espaços escolares da Escola de Engenharia Industrial (1954-1960)

Vanessa Barrozo Teixeira

Elomar Antonio Callegaro Tambara

Cadernos de História da Educação, v.15, n.1, jan.-abr. 2016, p.422-442

ISSN: 1982-7806 (On Line)

DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/che-v15n1-2016-17>

Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/34644/18378>

Acesso em: 04.02.2020

ANP 2 – Resenha (narrativas...)

Neste artigo, a autora Vanessa Barrozo Teixeira, Doutora e Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, e o autor Elomar Antonio Callegaro Tambara, Doutor em Educação pela Universidade do Rio Grande do Sul, abordam como foi a implantação da primeira instituição de ensino superior, a Escola de Engenharia Industrial (EEI), na cidade do Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul.

De 1954 a 1960, período em que ela ficou alocada em um espaço provisório na sede da Biblioteca Riograndense, vários convênios foram firmados com indústrias de diversas áreas, fábricas, escolas e inclusive um clube esportivo, com o objetivo de atender as demandas curriculares de aula práticas da época.

A instituição de ensino nasce logo após a criação da cidade de Rio Grande, em 1953 e foi possível identificar no artigo o quanto várias autoridades ligadas ao município também estiveram envolvidas com as atividades da implantação da instituição do curso superior. **(Fábia Dovigo Pais**

– Etec Pedro Ferreira Alves, em Mogi Mirim)

ANP 2 – RESENHA (narrativas...)

Para melhor compreender o processo de criação da escola, os pesquisadores irão se valer de um conjunto de fotografias do período de implantação da nova escola e que fazem parte do Relatório de Inspeção que foi remetido posteriormente ao Ministério da Educação. As fotos constantes deste relatório permitiram aos pesquisadores uma análise detalhada das primeiras instalações que passaram a fazer parte da Escola de Engenharia e se tornaram material de extrema importância no desenvolvimento da pesquisa. **(Paulo Eduardo da Silva, Etec José Rocha Mendes, em São Paulo)**

ANP 2 – RESENHA (narrativas...)

Os espaços escolares fazem parte da cultura escolar de cada instituição, eles também podem ser pensados como um “lugar de memória”, de acordo com Nora (1993), e é repleto de significados para aqueles que vivenciam suas instalações e para o próprio contexto no qual está localizado. Está presente na identidade da instituição, na sua memória, na sua história, que é contada por seu contrato, assim a EEI já estava apta para conveniar-se com empresas também aceitaram conveniar-se à Fundação Cidade do Rio Grande, com o intuito de participar de um movimento que intentava criar a primeira instituição de ensino superior do município de Rio Grande – RS. **(Eunice Corrêa Sanches Belloti – Fatec de Ourinhos, em Ourinhos)**

ANP 2 – RESENHA (narrativas...)

O setor industrial riograndino resistia após a guerra e tinha como uma de suas principais empresas, a Ipiranga Cia Brasileira de Petróleos S/A. Empresa que, ao contrário das demais, lucrou com a Segunda Guerra Mundial e concedeu seus espaços para auxiliar na implementação das aulas práticas da instituição. Para isso, colocava à disposição da escola todo o aparelhamento industrial, assim como seus laboratórios. Outras empresas também aceitaram conveniar-se à Fundação Cidade do Rio Grande com intuito de participar deste movimento que intentava criar a primeira instituição de ensino superior do município. Dentre esses estabelecimentos industriais encontram-se a Companhia União Fabril, antiga Fábrica Rheingantz, e a Companhia Fiação e Tecelagem Rio Grande, as quais forneciam seus laboratórios, teares, maquinário mecânico e a vapor, incluindo caldeiras. A Companhia Fiação e Tecelagem Rio Grande tinha sua produção voltado ao mercado têxtil também foi uma das opções possíveis de espaço para prática dos estudantes da EEI. O Departamento Nacional de Portos, Rios e Canais do 18º Distrito também assinou convênio para auxiliar no andamento das aulas práticas da EEI e ficavam à disposição da escola: laboratórios, oficinas mecânicas, instalações portuárias e inclusive, um dique seco em pleno funcionamento. **(Ivani Torres Bragheti - Etec Fernando Prestes, em Sorocaba)**

ANP 2 – RESENHA (narrativas...)

As instituições escolares adquirem uma dimensão organizacional própria e representa um arsenal de fontes de informações fundamentais para interpretações sobre os contextos educacionais e históricos, a respeito do espaço e da cultura empregada nele.

Os símbolos sociais políticos e individuais atribuído ao espaço escolar, se constituem em significado de territorialidade e pertencimento, reunindo evidências da base material de educação e escola. **(Shirley da Rocha Afonso – Cetec/ GEPEMHEP)**

PALESTRAS ON-LINE

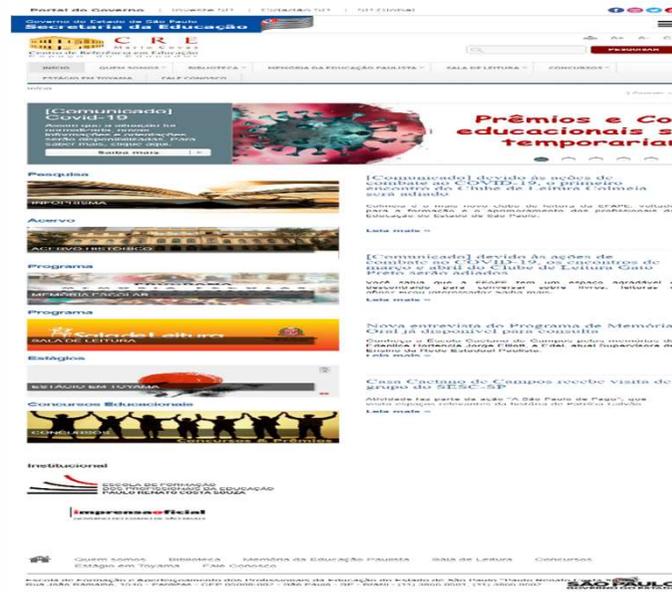
Visitas monitoradas estavam agendadas à antiga Escola Caetano de Campos (no bairro República) e ao seu acervo (no bairro Armênia), mas em decorrência da determinação do isolamento tiveram que ser canceladas. Deste modo, no dia 26 de maio de 2020 foi organizado um evento, pelo Teams, com as presenças da Profa. Dra. Paula Maria de Assis e pelo Prof. Me Diógenes Nicolau Lawand, do Núcleo de Memória e Acervo Histórico do CRE Mário Covas (NUMAH/CEMAH), que proferiram palestras apresentaram o acervo histórico da antiga escola Caetano de Campos.

VISITA ON-LINE AO CRE MÁRIO COVAS

ATIVIDADE NÃO PRESENCIAL 3

(Carga horária – 8h)

A solicitação é que o participante efetuasse uma visita ao site CRE Mário Covas, <http://www.escoladeformacao.sp.gov.br/portais/Default.aspx?tabid=7484> , e elaborasse uma narrativa, seguindo as orientações a seguir descritas.



Com o olhar sobre o espaço escolar e a sua materialidade, a sua valorização como patrimônio histórico-cultural educativo, a importância da sua preservação, e riqueza como fonte e objeto de pesquisa, a solicitação foi que o participante:

1 – a partir do link Memória da Educação paulista, explorasse a Escola Caetano de Campos e observasse o seu histórico e acervo, com os seus vários catálogos;

2 – explorasse a Memória Escolar, Educação e Patrimônio, e observasse os vários materiais de apoio. Muitos deles podem auxiliar professores e bibliotecários que atuam nos centros de memórias ou docentes que tem interesse em desenvolver projetos de memórias e história da educação profissional.

3 – assistisse os vídeos Memórias do Porão da Casa Caetano de Campos e Relação entre laboratórios de ciência e memória escolar, procedimento e potencial pedagógico, com a participação do Prof. Dr Reginaldo Alberto Meloni - UNIFESP.

B - Elaborasse uma narrativa sobre o laboratório de Ciências ou de Química, ou outro ambiente da unidade de ensino onde você atua, que não está sendo mais utilizado ou que foi transformado, destacando a sua riqueza como patrimônio histórico educativo, a necessidade de sua preservação e a sua potencialidade como fonte de pesquisa para a história da educação profissional.

ANP 3 – Narrativas sobre o laboratório de Ciências ou de Química...

O prof. Meloni estabeleceu como objetivos da apresentação - Preservar – para quê? 1. Porque são patrimônios culturais. 2. Porque são fontes de pesquisa sobre a história da escola. 3. Porque são meios de educação e divulgação das ciências.

Começar por onde? Propôs como roteiro:

1. Caracterizar o acervo – o quê nos interessa? Aqueles objetos usados para a educação em ciência da natureza, podendo ser objetos de demonstração e não necessariamente objetos para realizar investigações ou medidas precisas. Todos os objetos usados no ensino em ciência devem ser preservados.
2. Realizar ações diretas no objeto – limpeza simples, com feltro, pincel, para tirar o pó. Intervenções mais diretas para inibir a oxidação, o ataque de cupim, devem ser feitas sem produtos químicos e com orientação técnica.
3. Catalogar e acondicionar os objetos – fazer o registro – propôs uma ficha catalográfica com imagem, número (específico para cada objeto), categoria (física, química, biologia, etc.), registro (no inventário), dimensões, fabricante, origem (indicação de uso - manter os indícios de uso no objeto), observações (referência bibliográficas consultadas).
4. Disponibilizar o acervo para a comunidade.
5. Analisar e entender o acervo do ponto de vista histórico.

(Marlene Benedetti Marlene Aparecida Guiselini Benedetti - Etec Trajano Camargo, em Limeira)

ANP 3 – Narrativas sobre o laboratório de Ciências ou de Química...

A Etec Alcídio, de Orlandia, possui, além de laboratórios de Informática, um laboratório de Enfermagem, e um de Ciências, compartilhado pelo curso de Técnico em Farmácia, Ensino Médio, Etm e Novotec, nos componentes curriculares de Biologia e Química.

Localizado em uma ampla sala, o Laboratório de Farmácia, Biologia e Química tem atendido de maneira satisfatória quanto ao desenvolvimento de aulas práticas, para turmas de até 20 alunos.

Tendo passado por várias reformas, seus materiais e utensílios didáticos foram sendo gradativamente verificados e descartados, restando alguns objetos como vestígios da evolução das disciplinas de Ciências Naturais, em sua maioria recebidos na década de 1970, como lupas estereomicroscópicas e microscópios, que somados a outros mais recentes, continuam sendo utilizados.

Os objetos de ciências mais antigos e não utilizados como balanças, vasos comunicantes, estojo de injeção e seringa de vidro, destilador de água e barômetro aneróide estão no acervo do Centro de Memória[...]. **(Maria Teresa Garbin Machado (Etec Professor Alcídio de Souza Prado, em Orlandia))**

ANP 3 – Narrativas sobre o laboratório de Ciências ou de Química...

Neste relato falarei do laboratório de Química e Biologia da Etec Gildo Marçal Bezerra Brandão quanto ao seu patrimônio educativo e esforços de transformação deste ambiente escolar ao longo do tempo. Inaugurado em 2010, a Etec já apresentou em seu projeto original a execução do referido laboratório. Na sua área há duas bancadas longitudinais cobertas por granito cinza, de aproximadamente 2,5 m de comprimento por 1,2 m de largura, ambas, com pias em suas extremidades opostas, e encanamento com diversos pontos para o fornecimento de gás butano, que infelizmente nunca foram ativados. Estas bancadas encontram-se locadas no meio do laboratório. Na parede lateral à porta de entrada encontra-se disposto um chuveiro de água fria para a lavagem emergencial, contra chamas e substâncias tóxicas, e uma lousa branca. No canto posterior à porta de entrada fica a mesa do professor, com computador e acesso à internet. Acima da lousa foi instalada uma TV de 32 polegadas, conectada com o computador. Na parede oposta, há uma bancada com pia centralizada, onde ficam dispostos uma capela e um destilador, doado pela Etec Gino Rezaghi, de Cajamar, instalado na parede acima desta bancada. Todas as bancadas do laboratório apresentam prateleiras de alvenaria, logo abaixo do granito, com espaço subutilizado por conta das portas danificadas. **(Thiago Merissi - Etec Gildo Marçal Bezerra Brandão, em São Paulo)**

ANP 3 – Narrativas sobre o laboratório de Ciências ou de Química...

O laboratório de Física e Química da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, desde sua construção em 1976, está localizado no pavimento superior do bloco 1 do edifício escolar, medindo 7,85m x 7,65m, composto por dois compartimentos, ou seja, uma divisória (almoxarifado) para guardar vidrarias, utensílios, produtos químicos, entre outros, e uma parte para a realização das aulas práticas. No início dos anos de 1980, o laboratório ficou um tanto prejudicado conforme o relato de entrevista de história oral realizada com a professora da época, da disciplina de Física: Maria Aparecida Junqueira Zampieri.

Reabri esse laboratório aqui, que na verdade era um espaço de depósito. No laboratório tinha muitas caixas, tinha uma mesa imensa de ping e pong cheia de cupins, enfim, era um espaço que não era utilizado como laboratório, muito embora, oficialmente ele tivesse sido construído para isso. Era diferente do que é hoje, só tinha piso dos dois lados, não tinham aquelas mesas que provavelmente existem até hoje e passaram a existir bem mais tarde, não é, mas, enfim, os meus alunos tinham provas de laboratório, prova escrita e prova de dramatização. (ZAMPIERI, 2018)

Com a organização, de iniciativa da professora Maria Aparecida Junqueira Zampieri, o laboratório voltou a funcionar nas aulas de Física, Química e Biologia na década de 1990 e 2000.

Nos anos de 2011 a 2014, a Instituição passou por uma grande reforma, assim, o laboratório foi totalmente reformado em dois ambientes: um almoxarifado pequeno para guardar vidrarias, utensílios, produtos químicos, entre outros, e o laboratório propriamente dito para a realização de aulas práticas. Com isso, foram trocados os revestimentos de paredes e pisos colocados balcões com bancos novos, colocou-se chuveiro químico para lavagem em caso de acidentes, além de que trocaram toda bancada com pias novas. (Jurema Rodrigues - Etec Philadelpho Gouvêa Netto, em São José do Rio Preto)

ANP 3 - Narrativas sobre o laboratório de Ciências ou de Química...

Em 1913, na cidade de Pindamonhangaba, no Palacete Visconde das Palmeiras, foi inaugurada a Faculdade de Farmácia e Odontologia. Devido a denúncias de irregularidades acabou por ter suas atividades suspensas em 29 de abril de 1929.

O Jornal Tribuna do Norte demonstra que a vergonha da elite de Pindamonhangaba com o fechamento da instituição gerou um movimento social que pedia a abertura de um Ginásio Municipal no mesmo local, para que pudesse aproveitar os equipamentos escolares instalados no palacete. Foi aí a origem da ETEC João Gomes de Araújo, inaugurada em 1931, como Ginásio Municipal.

Durante 30 anos, até que fosse construído um prédio próprio, a escola ficou instalada no Palacete. Em 1961, com a nova sede, a instituição se mudou para o espaço onde permanece até os dias de hoje. Na ocasião, foram levados os móveis escolares e também os equipamentos para os laboratórios de Química. **(Patrícia Campos Magalhães - ETEC João Gomes de Araújo, em**

Pindamonhangaba)

NARRATIVA

ATIVIDADE NÃO PRESENCIAL 4 (Carga horária – 4h)

Na ANP 4 a solicitação foi que o participante elaborasse uma narrativa contendo a sua identificação e da unidade de ensino onde atua, há quanto tempo ingressou nesta Etec/Fatec, um pequeno histórico da instituição, os ambientes que a escola possui hoje, e a descrição de um dos espaços que se relaciona com mais afetividade.

ANP4 – Narrativas sobre a unidade de ensino onde atua...

A Etec Paulistano que fica no bairro da Brasilândia - Zona Norte – SP, completou 10 anos de funcionamento este ano de 2020, e faço parte dela desde o seu início em 2010.

Essa Etec atende a comunidade do bairro da Brasilândia e seu entorno, e foi muito esperada pelos moradores da região, visto que foi fruto de uma extensão de outra Etec, a Etec Albert Einstein, que se localiza no bairro da Casa Verde, e que mantinha alguns cursos em uma escola estadual da região (Brasilândia).

Eu trabalhei nessa extensão e depois me transferi para a Etec Paulistano. Como professor desta unidade escolar gosto muito do espaço, das pessoas que frequentam a Etec, não tenho preferência por um ambiente específico para desenvolver meu trabalho, ou passar alguns momentos de reflexão, pois é uma estrutura muito harmônica e aconchegante. **(Agnaldo Amorim – Etec Paulistano, em São Paulo)**

ANP4 – Narrativas sobre a unidade de ensino onde atua...

O espaço da Etec Gildo com o qual mais me identifico é o laboratório de Química e Biologia. Descrevendo um pouco o ambiente, em sua área há duas bancadas longitudinais cobertas por granito cinza, de aproximadamente 2,5 m de comprimento por 1,2 m de largura, ambas, com pias em suas extremidades opostas e encanamento com diversos pontos para o fornecimento de gás butano, que infelizmente nunca foram ativados. Estas bancadas encontram-se locadas no meio do laboratório. Na parede lateral à porta de entrada encontra-se disposto um chuveiro de água fria para a lavagem emergencial, contra chamas e substâncias tóxicas, e uma lousa branca. No canto posterior à porta de entrada fica a mesa do professor, com computador e acesso à internet. Acima da lousa foi instalada uma TV de 32”, conectada com o computador. Na parede oposta a esta última descrita há uma bancada com pia centralizada, onde ficam dispostos uma capela e um destilador. Todas as bancadas do laboratório apresentam prateleiras de alvenaria, logo abaixo do granito. Ao lado desta bancada há uma área denominada reserva técnica, uma sala com porta, em que são guardados vidrarias, equipamentos, reagentes e outros utensílios. Na parede externa a esta sala, paralela com as bancadas centrais, há uma pintura de uma árvore evolutiva da vida, realizada no ano de 2019 a pedido do professor Thiago Merissi, desenhada pela ex-aluna Esther, do curso ETIM de Administração. **(Thiago Merissi, Etec Gildo Marçal Bezerra Brandão, em São Paulo)**

ANP4 – Narrativas sobre a unidade de ensino onde atua...

Comecei minhas atividades na Etec em abril de 2013 como professor do componente curricular de estágio supervisionado em UTI e Unidades Especializadas, que até hoje ministro. Em 2015, ingressei na coordenação do curso Técnico em Enfermagem, onde prossigo até o presente momento, sentindo-me feliz e motivado.

Tenho afeição pelo laboratório de Enfermagem, onde comecei a ministrar as aulas práticas e por estar também intimamente relacionado a essência do curso.

Também gosto muito da coordenação do curso. Poder estar a frente do curso e ver de perto o trabalho de todos sendo desenvolvidos, é muito gratificante. **(Anderson Simionato de Campos - Etec Prof. Dr. José Dagnoni, em Santa Bárbara D'Oeste)**

ANP4 – Narrativas sobre a unidade de ensino onde atua...

Sou Caroline Cardoso de Oliveira, tenho 31 anos, sou técnica em Pecuária, zootecnista e professora. Atuo na ETEC Cônego José Bento, Escola Agrícola de Jacareí, onde ingressei em 16 de fevereiro de 2011, no concurso realizado em dezembro de 2010, uma semana após a minha colação de grau na universidade.

Dentre todos os lugares do espaço escolar, tenho maior apreço pela agroindústria, ambiente que processa e beneficia alimentos. Quando fui aluna da escola, a aula prática nesse local era o que mais me encantava. Quando me tornei docente, a agroindústria foi o primeiro componente curricular que me foi atribuído, pois nenhum professor tinha interesse nele. **(Caroline Cardoso de Oliveira – Etec Cônego José Bento, em Jacareí)**

Referências

ELIAS, M. E. V. Evolução do espaço escolar na formação sócio-cultural brasileira. In: **Evolução do espaço escolar no Brasil**: referências ao planejamento urbano de Limeira-SP. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP, 2006.

Disponível em:

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/104455/elias_mev_dr_rcla.pdf?sequence=1. Acesso em 04 fev. 2020.

SOUZA, R. F. de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, M. L. (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos, SP: Cortez Editora, 2007.

TEIXEIRA, V. B.; TAMBARA, E. A. Vestígios de uma cultura escolar: os espaços escolares da Escola de Engenharia Industrial (1954-1960). **Cadernos de História da Educação**, v.15, n.1, p.422-442, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/34644/18378>. Acesso em 04 fev. 2020.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Espaços, usos e funções: a localização e disposição física da direção escolar na escola graduada. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar**, SP: Cortez, 2005.

Participantes do Clube de Memórias XXXIV

- 1 - Agnaldo Amorim da Silva (Etec Paulistano, em São Paulo)**
- 2 - Anderson Simionato de Campos (Etec Prof. Dr. José Dagnoni, em Sta Bárbara d' Oeste)**
- 3 - Aparecida Helena Costa (Etec Dr. Júlio Cardoso, em Franca)**
- 4 - Barbara Alves da Rocha Franco (Etec Angelo Cavalheiro, em Serrana)**
- 5 - Camila Polido Bais Hagio (Etec Getúlio Vargas, em São Paulo)**
- 6 - Carlos Alberto Diniz (Etec Sylvio de Mattos Carvalho, em Matão)**
- 7 - Caroline Cardoso de Oliveira (Etec Cônego José Bento, em Jacareí)**
- 8 - Daniele Torres Loureiro (Etec Fernando Prestes, em Sorocaba)**
- 9 - Diego Lopes de Campos (Etec Antonio Junqueira da Veiga, em Igarapava)**
- 10 - Edneia Chinellato (Etec João Jorge Geraissate, em Penápolis)**

Participantes do Clube de Memórias XXXIV

- 11 - Eunice Correa Sanches Belloti (Fatec de Ourinhos, em Ourinhos)**
- 12 - Fabia Dovigo Pais (Etec Pedro Ferreira, em Mogi Mirim)**
- 13 - Ivani Torres Braghetti (Etec Fernando Prestes, em Sorocaba)**
- 14 - Joana Celia de Oliveira Borini (Etec Dr. Júlio Cardoso, em Franca)**
- 15 - Jurema Rodrigues (Etec Philadelpho Gouvêa Netto, em São José do Rio Preto)**
- 16 - Kátia Vargas Abrucese (Etec Dr. Carolino da Motta e Silva, em Espírito Santo do Pinhal)**
- 17 - Liene Cunha Viana Bittar (Fatec de Franca, em Franca)**
- 18 - Marcia Cirino dos Santos (Etec Dona Escolástica Rosa, em Santos)**
- 19 - Marcia Dias (Etec Professor Camargo Aranha, em São Paulo)**
- 20 - Maria Lúcia Mendes de Carvalho (Cetec/GPEMHEP)**

Participantes do Clube de Memórias XXXIV

- 21 - Maria Medianeira Nouer Achutti Monteiro (Etec Dr. Júlio Cardoso, em Franca)**
- 22 - Maria Teresa Garbin Machado (Etec Professor Alcídio de Souza Prado, em Orlandia)**
- 23 - Marlene Aparecida Guiselini Benedetti (Etec Trajano Camargo, em Limeira)**
- 24 - Marluce Gaviao Sacramento Dias (Etec de Itanhaém, em Itanhaém)**
- 25 - Patricia Campos Magalhaes (Etec João Gomes de Araújo, em Pindamonhangaba)**
- 26 - Paulo Eduardo da Silva (Etec José Rocha Mendes/SP)**
- 27 - Roseli Aparecida Troiani (Etec Prof^a Nair Luccas Ribeiro, em Teodoro Sampaio)**
- 28 - Shirley da Rocha Afonso (Cetec/GEPEMHEP)**
- 29 - Sibebe Biondi Foltran (Etec Professor Camargo Aranha, em São Paulo)**

Participantes do Clube de Memórias XXXIV

30 - Sueli Mara Oliani Oliveira Silva (Etec Professor Matheus Leite de Abreu, em Mirassol)

31 - Thiago Lima Merissi (Etec Gildo Marçal Bezerra Brandão, em São Paulo)

32 - Vanderleia Valeria de Melo (Etec Rodrigues de Abreu, em Bauru)

33 - Júlia Naomi Kanazawa (Cetec/GEPEMHEP)